

O olhar do grafite como arte, mídia e inserção social: Análise Semiótica¹

Adriana GONÇALVES DE ARAUJO²
Prof. Dr. Roberto Chiachiri³
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo sugere uma pesquisa entre os artistas e autores que estudam a arte popular para entender como o grafite rompeu a arte convencional e alterou a paisagem de grandes cidades do mundo pela sua inserção social nos espaços públicos e instituições culturais. É pelo estudo da semiótica que se observa o grafismo em sua natureza sígnica, ou seja, seu caráter de representatividade e estética. O artigo conclui que o grafismo virou uma forma de arte e é utilizado na mídia como fator predominante quando se trata da divulgação, seja ela na publicidade, no campo do *design*, das artes gráficas e da comunicação de massa. São essas intervenções artísticas que dão voz ao cidadão e à comunidade, no estilo mais popular da arte de rua.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica, intervenções artísticas, grafite, arte popular, inserção social.

Introdução

A arte urbana, ou *street art*, foi um movimento que surgiu no meio *underground* das cidades como uma forma de manifestação artística em espaços públicos. Paulino (2016) “há muitas polêmicas que giram em torno desse movimento artístico, pois de um lado o grafite é desempenhado com qualidade artística, e do outro a pichação não passa de poluição visual e vandalismo”.

¹ Trabalho apresentado no DT7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Estudante de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Pós-graduada pela Escola Superior de Propaganda e Marketing- Gestão de Negócios e Entretenimento; Pós-graduada em Interface da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA). email - adricari94@hotmail.com

³ Texto desenvolvido para a disciplina Mídia e inserção social,, ministrada pelo Prof. Dr.Prof. Roberto Chiachiri, no Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, 2º semestre 2016.
Email: rchiachiri@casperlibero.edu.br. E orientadora dissertação Prof Dra. Ana Luiza Coiro Moraes.
Email: alcmoraes@casperlibero.edu.br



Fotografia 1: Pichação Lugares Perdidos- fotógrafo Michael Gaida

Fonte: Pixabay- Michael Gaida (2014). Acesso: 18.10.16

A pichação é uma forma de expressar ideias através de letras ou frases, mas ao mesmo tempo de marcar território entre os pichadores. São encontrados em diferentes pontos da cidade em prédios públicos e privados, casas, portas de comércio, sem autorização dos respectivos proprietários, sendo uma atividade proibida por lei em vários países.

Hoje, o grafite já faz parte do dia a dia dos espaços urbanos, principalmente das grandes cidades do mundo, sendo legitimado como uma manifestação artística que rompe com padrões estéticos de percepção e apreensão convencional da arte (ROCHA, 2014 p.7). E a inserção de obras de alguns artistas do grafite em espaços de instituições culturais, como galerias de arte, centro culturais, amostras e museus, indica que essa arte vem alterando paisagem urbana das cidades ao redor do mundo.

O tema sugere uma análise histórica que compreenda a comparação do passado com o presente, da arte rupestre ao grafite do século XXI. Os registros pré-históricos encontrados nas cavernas, além de confirmarem a necessidade humana de existir simbolicamente são fontes indispensáveis para o entendimento da cultura do grafite nos tempos atuais.

É nas intervenções artísticas contemporâneas, que se utilizam múltiplas linguagens e técnicas para projetar a vida cotidiana e tornar a arte mais acessível ao público fora das galerias e dos museus. Este trabalho de pesquisa busca mostrar um olhar ao próprio movimento do passante, que vê o grafite de forma rápida, mas que deseja fazer uma leitura do que salta aos seus olhos. A arte de ser vista nas paredes da

cidade insere sua assinatura, a marca, a pessoa, e também o imaginário de quem lê essas expressões urbanas.

1. Breve História “Grafite e Arte”

Os primeiros vestígios históricos do grafite se manifestaram nas representações artísticas pré-históricas da arte rupestre, com pinturas em paredes, tetos e outras superfícies de cavernas em abrigos rochosos ou ao ar livre. Essas representações traziam animais, plantas e pessoas, e sinais gráficos abstratos.



Figura1: Cavalo – 15.000 10.000
Pintura na caverna de Lascaux⁴, França
Fonte: História das Artes Visuais 1 – 2014.2-. Blog Aline Couri. Acesso em 15.11.16

Percebe-se a perfeição dos traços, desenhos e cores, que nos sugere a intenção de representar, de forma naturalista, o que estava diante de seus olhos.

No Brasil encontramos em pesquisa alguns sítios como: Parque Nacional da Serra da Capivara em São Raimundo Nonato (Piauí), Parque Nacional Sete Cidades (Piauí), Cariris Velhos (Paraíba), Lagoa Santa (Minas Gerais), entre outros.

Conforme explica o professor Honorato (2009) da faculdade de Artes do Paraná, os povos mesopotâmicos, egípcios e cretenses, utilizavam a técnica de pintura mural,

⁴ Lascaux é um complexo de cavernas ao sudoeste de França, famoso pelas suas pinturas rupestres. A disposição da caverna, cujas paredes estão pintadas com bovídeos, cavalos, cabras selvagens, felinos, entre outros animais, permite pensar que se trata de um santuário. Acesso em 15.11.16

um dos dois tipos de grafite (mural e espontâneo), para decorar palácios e monumentos funerários.

Quando o vulcão Vesúvio entrou em erupção no ano 79 d.C., ele soterrou duas prósperas cidades, Pompeia e Herculano. Nas escavações foi encontrada grande diversidade de grafites, como *slogans* eleitorais, desenhos, poesias e cenas obscenas. (SOARES, 2008)

No início do século XX nascia uma nova forma de arte, uma arte urbana, uma “arte livre” para todos. Alguns dos grandes pintores mexicanos como Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros fizeram uso desta técnica de pintura do mural contemporâneo. Em 1905, o Dr. AIL (pseudônimo do pintor Bernardo Carnada) publicou um manifesto defendendo a necessidade de uma arte pública. E em 1920, Siqueiros fez um apelo aos artistas da América proclamando a necessidade de promover uma arte que falasse às multidões. (GITAHY, 1999 p.15). Rocha (2014) em sua pesquisa sobre “Do Egito ao Grafite”, descreve que o grafite é uma forma de arte contemporânea. São pinturas e desenhos feitos nos muros e paredes de espaços públicos, com a intenção de interferir na paisagem da cidade, transmitindo alguma ideia. E as primeiras manifestações dessa arte surgiram em Paris, em 1968. Nos EUA, um importante artista grafiteiro foi Jean-Michel Basquiat (1960-1988), cujos trabalhos também fazem parte do novo-expressionismo.

Após esses movimentos, o grafite teve seu auge em Nova York, na parte sul do bairro de Bronx e no Brooklyn no final dos anos 60, quando surgiu o movimento do *Hip-Hop*, que era a junção da forma cíclica de como se transmitia a cultura dos guetos norte-americanos. Vive nesta época e região, uma das maiores populações menos favorecidas e mais oprimidas pela própria sociedade e que buscava uma forma de expressão (BRITO, 2014).

Gitahy (1999 p.12), já fazia a seguinte pergunta:

Como pensará o homem do futuro ao deparar com o grafite do século XX? O metrô de Nova York não se tomará uma Lascaux. Cheio de signos herméticos, nomes e números que deixarão os historiadores a se debater em decifrações?



Fotografia 2: Filhos da sepultura novamente, part 3 (1980)
Dondi White – grafitti no metrô Nova York, EUA –Fotografa: Martha Cooper
Fonte: História das Artes Visuais 1 – 2014.2- Acesso em 15.11.16

Para Pennachin (2003, p.9) “a necessidade de se expressar, de fazer das ruas uma extensão da individualidade, sob a forma de rastros escritos em paredes ou trens, que traduzem a criação de novas identidades e um meio de participação na vida da cidade”.

Nesse cenário surgem grandes artistas de rua como Banksy, o misterioso artista do grafite, do qual ninguém sabe a verdadeira identidade, sabe-se apenas que Banky é um pseudônimo. Conhecido ao redor do mundo por inserir suas obras de arte nas ruas, trazendo um a reflexão sobre problemas na sociedade e na política. E investe na arte multimídia com vídeos e vinhetas, com milhões de acesso no youtube e tem seu site oficial, onde publica seus grafites, desenhos e suas esculturas. (ORLANDO, 2015)



Figura2: Banksy retrata a xenofobia a imigrantes africanos na Europa. De maneira sarcástica, a cena é com pássaros onde se lê “Deixe nossas minhocas! Volte para a África”

Fonte: História das Artes Visuais 1 – 2014.2-. Blog Aline Couri. Acesso em 15.11.16

O artigo de Brito (2014), pela Faculdade Federal Rio de Janeiro, descreve que as produções de Banksy eram carregadas de conotações “subversivas”, questionando uma sociedade repleta de discursos de autoridade e poder em um governo que confunde grafite com vandalismo. Suas obras são abstratas, e, ao mesmo tempo, figurativas: as imagens têm sua importância na construção de sentido presentes em cada indivíduo ou em sistema de valores- como símbolos (figuras de ratos, policiais, soldados, crianças ou sua própria galeria arte). Reproduziu seu único livro “Guerra e Spray” em 2012.



Figura3: **Banksy** Mural grafitado com estêncil de um trabalhador removendo pinturas rupestres pré-históricas (2008) Leak Street, London

Fonte: História das Artes Visuais 1 – 2014.2 Acesso: 15.11.16

2. O grafite no Brasil

O Grafite teve seu início no Brasil na década de 1970. Na cidade de São Paulo, os grafiteiros desenvolveram suas próprias técnicas dando um toque de “brasilidade” e colocando em destaque o traço brasileiro entre os melhores do mundo. Dentre os grafiteiros brasileiros, os mais famosos como: Alex Vallauri⁵, os Gêmeos⁶, Eduardo *Kobra* e Ramon Martins. Entre os espalhados pelo mundo, podemos destacar os seguintes: Banksy (Inglaterra), Kurt Wenner (Alemanha), Eric Grohe (Estados Unidos), Smug (Escócia) e Edgar Mueller (Alemanha).

⁵ Alex Vallauri. Pioneiro na arte do grafite no Brasil, Alex usou outros suportes além dos muros urbanos; estampou camisetas, bottons e adesivos. Para ele, o grafite é a forma de comunicação que mais se aproxima do seu ideário de arte para todos. Disponível em:

http://www.pinturabrasileira.com/artistas_bio.asp?cod=188&in=9 acesso: 18.10.16

⁶ Os Gêmeos, Gustavo e Olavo Pandolfo, são irmãos e sempre trabalharam juntos. Com o apoio da família, e a chegada da cultura Hip e Hop no Brasil nos anos 80, eles encontraram uma conexão direta com seu universo com a pintura, desenho e escultura. E a rua era seu lugar de estudo. Disponível em: <http://www.osgemeos.com.br/pt/biografia/> acesso em: 18.10.16

“A verdade é que me sinto um privilegiado por pintar na rua. O maior museu é a rua, ao ar livre e que faz com que a arte possa chegar a todas as pessoas, pobres ou ricos” (Eduardo Kobra, entrevista à Agência Efe, 2014).

Usaremos aqui, como exemplo o trabalho do grafiteiro Kobra, que começou sua carreira como pichador, depois se tornou grafiteiro e hoje se considera um muralista. Também cria obras que simulam 3D. Tornou-se conhecido pelo projeto Muro das Memórias em São Paulo, em 2009, onde retratou cenas antigas da cidade no painel da Avenida 23 de Maio e o mural “Todos somos um”, realizado pelo brasileiro para à Rio 2016, foi reconhecido como o maior grafite do mundo pelo “Guinness world records”, o livro dos recordes. A obra, com 15 metros de altura e 170 de comprimento, retrata cinco rostos indígenas de cinco continentes diferentes: os huli, da Nova Guiné (Oceania), os mursi, da Etiópia (África), os kayin, da Tailândia (Ásia), os supi, da Europa, e os tapajós, das Américas. Além da capital paulista, diversas cidades brasileiras contam com suas obras como na cidade de Brasília, Pernambuco e Pará. Executou também trabalhos em outros países, como Inglaterra, França, Estados Unidos, Rússia, Grécia, Itália, Suécia e Polônia.



Fotografia 2: Muro das Memórias em São Paulo, em 2009, na Av 23 de maio.

Fonte: Eduardo Kobra, Acesso: 10.10.16



Fotografia 3: “Todos somos um” - Boulevard Olímpico da Praça Mauá, no Rio de Janeiro

Fonte: Eduardo Kobra. Acesso em 10.10.16

Aqui será apresentada a Galeria de Arte a Céu Aberto, localizada em uma zona Cultural Paulistana na Vila Madalena chamada “O Beco do Batman”, que hoje se encontra entre os principais pontos turísticos da cidade São Paulo e uma referência mundial ao Ar Livre de Arte Urbana. O projeto surgiu nos anos 1980 por meio dos artistas plásticos Rui Amaral e o americano John Howard que começaram a pintar os muros abandonados. Não é sabido ao certo quem foi o autor, mas, na época, surgiu um desenho do personagem Batman da DC Comics que acabou virando referência e dando o nome popular à Vila “o Beco do Batman”. Neste local encontram-se diversos artistas disponibilizando sua arte nos muros das casas.



Fotografia 4: Galeria de Arte a Céu Aberto-Zona Cultural na Vila Madalena em São Paulo Fonte:
Beco do Batman a arte . Acesso. 17.10.16

2. Semiótica e Arte

Uma forma comum de investigar semiótica e arte é compará-las à linguagem linguística e não-linguística, tomá-las como formas de expressão e de comunicação, imbuídas de uma certa mensagem a decodificar. Segundo Joy (2007, p.42):

Estas mensagens visuais podem ser analisadas de acordo com as várias camadas sógnicas que lhes dão existência real, a saber: signos plásticos (cores, formas, composição textura), signos linguísticos (linguagem verbal) e signos icônicos (figurativos e analógicos).

Segundo Chiachiri (2010, p.94):

É necessária uma leitura cuidadosa dos meandros da construção signfica que visa justamente ficar rente a este potencial. Que embora as pessoas saibam que uma interpretação de um intérprete particular não seja jamais capaz de atingir a interpretabilidade das mensagens em sua completude, o diálogo com a mensagem no seu modo de fazer, na objetividade semiótica que apresenta, pode deixar, com alguma certeza, algo de sua verdade que pode ser revelado.

O trabalho apresentado no Núcleo de Semiótica da Comunicação por Pennachin (2003, P.11), afirma que “os grafismos urbanos foram observados, primeiramente, de acordo com sua natureza sógnica, ou seja, seu caráter de representatividade”. Tanto o grafite ou pichação são considerados como signos. Para Santaella (2013, p.191), “o signo funciona como mediador entre o objeto e o efeito que ele está apto a produzir em uma mente porque o signo, de alguma maneira, representa o objeto”.

O quali-signo é uma qualidade sógnica imediata, tal como a impressão causada por uma cor. O quali-signo é uma espécie de pré-signo, pois se essa qualidade se singulariza ou individualiza, ela se torna um sin-signo. O sin-signo é o resultado da singularização do quali-signo. A partir de um sin-signo pode-se gerar uma ideia universalizada (uma convenção, uma lei que substitui o conjunto que a singularidade representa), tornando-se assim um legi-signo. O legi-signo é o resultado de uma impressão mediada por convenções, por leis gerais estabelecidas socialmente. (SANTAELLA, 2007, p.83).

Segundo Santos; Chiachiri; Persichetti (2016, p.81):

(...) na teoria semiótica elaborada pelo filósofo norte-americano Charles S. Peirce, a interpretação de um signo ocorre quando este, o signo definido como a relação triádica entre *representamen*-objeto-interpretante, gera outro signo. Não se trata, pois, de uma abordagem antropocêntrica, preocupada com a recepção como usualmente a entendemos nas pesquisas em comunicação social, mas como o receptor proporciona ao signo ilimitadas maneiras de criar diferentes interpretantes na mente do intérprete.

Sendo assim, é importante ter um olhar mais refinado para que se possa analisar os projetos e objetivos estéticos do grafite como obra de arte em sua dimensão simbólica e significativa, e conseqüentemente, nas suas estruturas de significação. É recomendável, ainda, exemplificar por meio da interferência em ambientes urbanos destruídos, a busca do grafite por um apelo estético. E, por fim, é fundamental que se saliente a capacidade de melhorar a qualidade de vida por meio da arte. O que ontem foi uma pichação, hoje pode vir a ser uma mensagem no grafite.

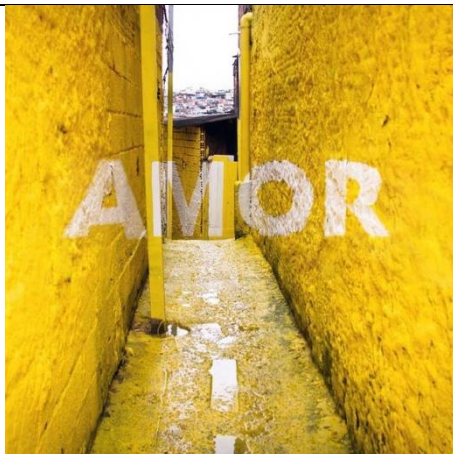
A linguagem do grafite tem características conceituais e estéticas, como a expressão plástica figurativa e abstrata; a utilização do traço; natureza gráfica ou pictórica; a utilização de imagens do inconsciente coletivo, produzindo releituras de imagens já editadas ou criações do próprio artista ou a repetição de um mesmo estilo quando feito à mão livre. (GITAHY,1999 p.17)

Fidalgo (2009) faz uma abordagem sobre a semiótica da arte por meio de uma perspectiva semântica, interrogando as formas de significação e os tipos de significado presentes em uma determinada obra de arte, como uma mensagem que a obra de arte veicula (como, por exemplo, que mensagem está sendo transmitida? Como ela é veiculada? Com que adequação?). E, também, por meio de uma abordagem tipicamente sintática, sobretudo com a organização das partes, simultâneas ou sucessivas do objeto artístico.

3. Intervenções Artísticas

A intervenção no espaço urbano se tornou uma das mais valiosas artes do mundo contemporânea, evoluindo para chamada Arte Urbana. “De uma maneira ou de outra, ela faz com que as pessoas parem sua rotina por alguns minutos, seja para questionar, criticar ou simplesmente contemplar a arte. Sua finalidade é provocar o público para questões políticas, sociais, ideológicas e estéticas”. (IMBROISI,2016)

Estes movimentos artísticos relacionados às intervenções visuais foram no início, movimento *underground* e, depois dando forma e se estruturando, saindo a céu aberto e incorporando galerias e museus. Há intervenção urbana de vários portes, indo desde pequenas inserções através de adesivos(stickers) ou uma singela frase ou um toque de cor até grandes instalações artísticas.



Fotografia 5. Grupo espanhol Boa Mistura pintou mensagens na comunidade de Vila Brasilândia em SP

Fonte: Intervenções Urbanas- Acesso em: 12.09.16

Os grafiteiros devem ser pensados em suas particularidades, também devem ser vistos em suas generalidades, especialmente se pensarmos essa manifestação na geração hip hop, que hoje afronta o mundo não mais em fronteiras nacionais, mas nas novas geografias. Não mais só a cidade é espaço para uma grafiteagem, mas também as revistas, as internetes, o corpo, os meios de comunicação.(...) Os grafiteiros recuperam a cidade, o corpo, os meios de comunicação como lugar da cultura, mas da cultura não só dos dominantes, mas do povo, dos que nela vivem e trabalham. Nessa perspectiva, percebemos que os grafites de ontem não são os de hoje, e os de hoje, não serão os de amanhã. Mas sempre os do aqui e agora. (RAMOS,2007 p.. 1269)

3. Mídia e Inserção

O grafite rompeu a arte convencional e alterou a paisagem de grandes cidades do mundo, com sua inserção nos espaços públicos e instituições culturais.

A incorporação da estética do grafite de rua na publicidade tem crescido cada vez mais e a sua inserção nas artes plásticas tem se consolidado, resultado esse da superação de um preconceito sobre as pinturas até então marginalizadas. Essa maior aceitação, de certa forma, também acabou por desviar o seu principal ideal, a forma de expressão perde seu intuito político e sua proposta de manifesto, e passa a trabalhar no campo do *design*, artes gráficas e da comunicação social. (BRITO, 2014)

Temos como principais exemplos dessa aceitação e inserção da prática no mercado publicitário os trabalhos de Eduardo Kobra, Os Gêmeos, Tikka, entre outros. Chamados de 2ª geração de Grafiteiros, resultado dessa migração das ruas para galerias, dos muros e paredes para telas e murais, os artistas recebem inclusive encomendas para variados trabalhos de marcas famosas. A 3ª Bienal Internacional do Grafite de São Paulo foi redigida em 21/04/2015. Nos últimos anos, várias empresas perceberam a

ascensão e aceitação gradativa do grafite pela sociedade e resolvera chamar os artistas para criarem anúncios ou estamparem seus produtos, como fez a empresa de aviação, Gol ao entregar um avião da companhia para Os Gêmeos, que usaram sua “assinatura” na obra, como visto na figura a seguir.



Fotografia6: Avião da Gol, assinado pelo Os Gêmeos.
Fonte: Costa, O grafite e a publicidade. Acesso: 06.01.17

O mercado da moda também utilizou do grafite para as marcas de luxo como foi o caso da bolsa feminina Louis Vuitton, feita pelo artista plástico americano Stephen Sprouse.



Fotografia7: Bolsa com monograma da Louis Vuitton grafitada pelo artista Stephen Sprouse –Fotografa Cameron Krone

Fonte: *First-look-graffiti-rose-collection*. Acesso em: Acesso em: 10.01.17

4. Considerações Finais

Pretendeu-se neste trabalho proporcionar, de forma muito sintética a evolução cultural do grafite ou arte popular, considerando que ela é uma forma de arte e não podemos deter sua popularidade. A ideia simples de desenhar em uma parede tornou-se

algo extraordinário em um mundo cada vez mais emparedado e murado. Os muros são o suporte, a morada de todos esses grafismos, ícones e memórias de uma metrópole. O grafite ilustrado e em 3D, sem dúvida, tomou um impulso maior de seguidores entre a população em geral. O resultado da minha pesquisa, contudo, foi viajar na história das cavernas até os dias atuais, identificando um novo olhar para a arte de rua, que além de embelezar a cidade de um jeito econômico e original, faz a cidade ter seu estilo próprio. Ele nasce da necessidade de passar uma mensagem. Em cada símbolo, torna os muros sociais visíveis.

Por fim, encerra-se este artigo como forma de expressão e reprovação pelo fato de João Doria, prefeito de São Paulo, ter insistido no projeto “Cidade Linda”, no qual incluiu pichações e grafites no *hall* da limpeza. Suas cores, linhas e desenhos viraram muros com tinta cinza. Foi o que ocorreu na semana do aniversário da cidade de São Paulo, dia 25 de janeiro. Um dos maiores murais a céu aberto encontra-se na zona sul da capital de São Paulo, e conta com grafite presente na Avenida 23 de Maio e feito pelo artista Eduardo Kobra, como visto na imagem a seguir.



Fotografia8: Painel do artista Kobra é pichado na Av. 23 de maio com caricatura do prefeito João Doria

Foto: Reprodução TV Globo, 25.01.17

Fonte: Grafite do artista Kobra Acesso em: 26.01.17

5. Referências

BATMAN, beco. Galeria de Arte a Céu Aberto-Zona Cultural na Vila Madalena em São Paulo

Disponível em: < www.becodobatman.com.br > Acesso. 17.10.16

BRITO, Davi. **Graffiti, do paleolítico ao séc. XXI- Blog Aline Couri - História das Artes**

Visuais- Disponível em: < <https://hav120142.wordpress.com/2014/11/20/graffiti-do-paleolitico-ao-sec-xxi-2/> >. Acesso em: 15.11.2016

CHIACHIRI, Roberto. **O poder subjetivo da publicidade: uma análise semiótica**. São Paulo: Cengage Learning, 2010

COSTA, Caio. **O grafite e a publicidade**. Jan./2015. Disponível em: <<http://blogcitario.blog.br/2015/01/o-grafite-e-publicidade/>>. Acesso: 06.01.17

KOBRA, Eduardo. **Kobra- Arte em Grafite**. Disponível em: <<http://eduardokobra.com/>> Acesso em: 10.10.16

_____. Entrevista com Eduardo Kobra em 07.08.14- **O maior museu é a rua-** Agência EFE, Pablo Giuliano. Disponível em:

<<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/efe/2014/08/07/eduardo-kobra-o-muralista-internacional-criado-nas-ruas-de-sao-paulo.htm> . Acesso em: 02.01.2017

FIDALGO, Antonio. **Semiótica e Arte-** jan.2009- Communicare- Disponível em: <<http://comunicare2009.blogspot.com.br/2009/01/semiotica-e-as-artes.html>- >. Acesso em: 28.11.2016

G1.TVGlobo. **Grafite do artista Kobra na Av. 23 de Maio é pichado com imagem de Doria**.25.01.17- Foto: Reprodução TV Globo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/grafite-do-artista-kobra-na-av-23-de-maio-e-pichado-com-imagem-de-doria.ghtml>> acesso em: 26.01.17

GAIDA, Michael. **Pichação lugares perdidos** (2014): Disponível em:

<<https://pixabay.com/pt/users/MichaelGaida-652234/>> Acesso em: 18.10.16

GITAHY, Celso. **O que é grafite-** 1ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

IMBROISI, Margareth, **Intervenção Artística Urbana-** jul.2016- Disponível em:

<<http://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/intervencao-artistica-urbana/>> Acesso em: 12.10.16

HONORATO, Geraldo. **Grafite: da marginalidade às galerias de arte**. Programa de

Desenvolvimento Educacional – 2008/2009- Faculdade de Arte do Paraná. Disponível em: <

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1390-8.pdf> >. Acesso em: 15.04.17

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**, Lisboa, Ed. 70, 2007

SPROUSE, Stephen. **Louis Vuitton Collection, 2009**. Imagem de Camerom Krone.

Disponível em: <<http://www.ilvoelv.com/2009/01/graffiti-overload.html>> Acesso em: 10.01.17

ORLANDO, José Antônio. blog Semióticas: **A imitação Bansky**. 03.2015. Disponível em:

<<http://semioticas1.blogspot.com.br/2015/03/a-imitacao-de-banksy.html?zx=150907bad4c09f70>>. Acesso> 20.01.17

PARADOXO. Blog. **Intervenções Urbanas**. 17.10.2014. Comunidade de Vila Brasilândia em

SP <<https://blogparadoxo.wordpress.com/2014/10/17/intervencoes-urbanas/>> Acesso em

12.09.16

- PAULINO, Roseli. **Street Art (Arte Urbana)** em 04.09.2016. Disponível em: <
<http://www.arteeartistas.com.br/street-art-arte-urbana/>> Acesso: 12.12.16
- PENNACHIN, Deborah Lopes. **Signos subversivos: das significações de graffiti e pichação. Metrópolis contemporâneas como miríades sígnicas.** Trabalho apresentado no Núcleo de Semiótica da Comunicação, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. Disponível em: <
http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP15_pennachin.pdf>
Acesso em: 15.09.16
- RAMOS, Celia Maria Antonacci. **Grafite & pichação: por uma nova epistemologia da cidade e da arte.** 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais – 24 a 28 de setembro de 2007 – Florianópolis. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/127.pdf>>
Acesso em: 05.01.17
- ROCHA, Arlindo Nascimento. Blog: Educação, Cultura & Cidadania. **Do Egito ao grafite,** 2014. Disponível em: <<http://docenteinovador.blogspot.com.br/2014/03/do-egito-ao-grafite.html>> Acesso em: 15.04.17
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**-1ªed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
_____. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonoro visual verbal: aplicações na hipermídia**- 3ed. -São Paulo- Editora Iluminuras-2013
- SANTOS, Marcelo; CHIACHIRI, Roberto; PERSICHETI, Simonetta. Semiótica peirceana e recepção: algumas bases conceituais e metodológicas a partir do conceito de experiência colateral. **Revista Líbero**, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 81-90 jan./jun. 2016.
- SOARES, Tomás. **Monte Vesúvio**, 10.2008. Disponível em: <
<http://montevesuvio.blogspot.com.br/>> Acesso em: 22.12.16
- SPROUSE, Stephen. **Louis Vuitton Collection, 2009.** Imagem de Camerom Krone.
Disponível em: <<http://www.ilvoelv.com/2009/01/graffiti-overload.html>> Acesso em: 10.01.17